



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
ESPECIALIZAÇÃO EM LOGOTERAPIA E SAÚDE DA FAMÍLIA**

REJANE DE SOUZA CORREA

**O AMOR ROMÂNTICO NA BERLINDA: Logoterapia e Análise e Existencial,
uma contraposição**

**CAMPINA GRANDE
2023**

REJANE DE SOUZA CORREA

**O AMOR ROMÂNTICO NA BERLINDA: Logoterapia e Análise e Existencial,
uma contraposição**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Área de concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica
Linha de Pesquisa: Promoção da saúde e qualidade de vida

Orientador: Prof. Me. Sam Hadji Cyrous.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C824a Correa, Rejane de Souza.

O amor romântico na berlinda [manuscrito]: Logoterapia e Análise Existencial, uma contraposição / Rejane de Souza Correa. - 2023.

24 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Logoterapia e Saúde da Família) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação: Prof. Me. Sam Hadji Cyrour, UFPB - Universidade Federal da Paraíba."

1. Logoterapia. 2. Análise existencial. 3. Amor romântico.
4. Amor frankliano. I. Título

21. ed. CDD 616.891 6

REJANE DE SOUZA CORREA

O AMOR ROMÂNTICO NA BERLINDA: Logoterapia e Análise e Existencial, uma contraposição

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família, do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário, em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Logoterapia e Saúde da Família.

Área de concentração: Tratamento e Prevenção Psicológica
Linha de Pesquisa: Promoção da saúde e qualidade de vida

Aprovada em: 15 / 04 / 2023.

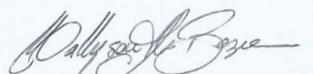
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Sam Hadji Cyrus (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba



Profa. Ma. Raisal Fernandes Mariz Simões (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Me. Hallyson Alves Bezerra (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba

AGRADECIMENTOS

A felicidade, a realização e o orgulho são grandes quando finalizamos algo que projetamos. Fica a nobre sensação de dever cumprido. A caminhada neste curso de pós-graduação proporcionou ricos aprendizados, e, por isso, quero agradecer a oportunidade de acesso ao curso. Quantas pessoas gostariam de estar neste degrau da vida acadêmica e, pelos mais diversos motivos, como as desigualdades sociais, não puderam chegar até aqui! Sinto-me privilegiada, pois o acesso à educação rompe com o ciclo de pobreza e opressão.

Agradeço a dedicação e o empenho de toda a equipe do curso: professoras e professores, o pessoal da administração e o coordenador, professor Gilvan de Melo Santos. Cada um de vocês deixou uma contribuição, um registro afetivo em mim. Com certeza, eu saio do curso uma pessoa maior do que entrei.

Na reta final, eu pude contar com a ajuda de meu orientador, Sam Hadji Cyrours, que, em alguns momentos, me chamou de “amiga”, demonstrando que nossas trocas, além de acadêmicas, eram também pessoais. A temática do estudo foi o amor, e, no respeito, no cuidado e na amizade, as cores do espectro amoroso deram o tom para esse breve tempo de orientação que nós vivemos. Obrigada pelo apoio, pelo carinho e também pelas pontuações, sugestões e aprendizados. A você, Sam, minha gratidão especial!

Por fim, meu maior agradecimento vai para cada pessoa, que, como eu, a cada nascer do sol — e também em dias nublados ou chuvosos —, insiste teimosamente em amar. Sim, o amor foi, é e sempre será o tema de minha vida!

*— A gente só conhece bem as coisas que cativa —
disse a raposa. — As pessoas já não têm tempo para
conhecer nada. Compram tudo pronto nas lojas.
Como não existem lojas para vender amigos, as
pessoas não têm mais amigos. Se você quer um
amigo, me conquiste!*

(SAINT-EXUPÉRY, 1943/2020, p. 98)

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT	6
DIRETRIZES INICIAIS	6
1 AMOR ROMÂNTICO: UMA CONSTRUÇÃO FUNDADA EM UM PERÍODO DA HISTÓRIA	8
1.1 Origem, Historicidade, Influências e Características do Amor Romântico.....	8
2 AMOR EM VIKTOR FRANKL: CONFIGURAÇÃO DE UM <i>EU</i> E ORIENTAÇÃO A UM OUTRO ÚNICO E IRREPETÍVEL	13
2.1 Visão de Pessoa: Responsabilidade e Decisão de Ser à luz de Sentido e Valores.....	13
2.2 Amor: Graça e Abertura ao Mundo e ao Outro	16
3 O AMOR FRANKLIANO NO EMBATE COM O ROMANESCO	18
3.1 Amar é Autorrealização ou Autotranscedência?	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS	22

O AMOR ROMÂNTICO NA BERLINDA: Logoterapia e Análise Existencial, uma contraposição

Rejane de Souza Correa¹

RESUMO

Em um diálogo com a Logoterapia e Análise Existencial, este estudo apresenta uma reflexão sobre o *amor* partindo de duas concepções distintas: a de amor romântico e a de amor frankliano. O objetivo é apresentar uma contraposição ao conceito de amor romântico a partir da teoria de Viktor Frankl. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica que evidenciou que a antropologia proposta por essa teoria possibilita uma compreensão integral e aprofundada do fenômeno estudado e demonstrou que o conceito de amor proposto por Frankl está mais alinhado com questões que atravessam e envolvem os desafios atuais.

Palavras-chave: Amor; romance; Logoterapia e Análise Existencial.

ROMANTIC LOVE IN THE SPOTLIGHT: Logotherapy and Analysis and Existential, a contraposition

ABSTRACT

In a dialogue with Logotherapy and Existential Analysis, this study intends to reflecting on love based on two distinct conceptions: romantic love and Franklian love. The aim is to present a counterpoint to the concept of romantic love based on Viktor Frankl's theory. For this, a bibliographic review was carried out, and it showed that the anthropology proposed by this theory allows a comprehensive and in-depth understanding of the studied phenomenon and demonstrated that the concept of love proposed by Frankl is more aligned with issues related to the current challenges.

Keywords: love; romance; Logotherapy and Existential Analysis.

DIRETRIZES INICIAIS

Amor: palavra pequena usada para explicar concepções complexas, vastas e ilimitadas. Apenas quatro letras e duas sílabas formando um termo que traduz uma ideia profunda, cujas origens talvez sejam tão antigas, controversas e desprovidas de exatidão quanto a própria humanidade. Ackerman (1997) define o amor como “o grande imponderável”. Rougemont (1988) observa que, para alguns, tentar decifrá-lo é perda de tempo, enquanto, para outros,

¹ Discente do Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família do Centro Paraibano de Estudos do Imaginário – CEPESI e da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: psirejanecorrea@gmail.com

perde-se o próprio amor na ânsia da decifração. Para mim, de todas as missões que a vida pode oferecer a uma pessoa, o amor é a mais encantadora delas.

Apesar de compreender a complexidade, a grandeza e a intangibilidade desse afeto, propomo-nos a estudá-lo por entender que questões que o envolvem têm um forte impacto na vida cotidiana das pessoas, sendo de suma importância ampliar o conhecimento sobre ele. Ackerman (1997), ao pesquisar o tema, constatou que “poucas pesquisas sérias haviam sido realizadas” (p. 21). Esse é um motivo mais do que relevante para a realização deste estudo.

O amor, conforme Ackerman (1997), tem muitas faces e formas. É possível que seja esse um dos motivos de sua polissemia e de sua complexidade. Por isso, nossa pesquisa parte de duas concepções sobre o amor: a romântica e a frankliana. Pretendemos levar a leitora e o leitor a refletir sobre ambas, possibilitando questionamentos e a ampliação do conhecimento prévio, gerando ponderações sobre o amor e a ordem social em relação ao mundo circundante. Este estudo contribui com a compreensão dos costumes e regras que regulam a vida das pessoas em suas relações, podendo ser útil a profissionais de áreas como a psicologia e a sociologia.

Trata-se de uma pesquisa exploratória bibliográfica, com abordagem qualitativa e recorte analítico e transversal, norteadas pela seguinte pergunta: *o que distingue o conceito de amor da teoria de Viktor Frankl do conceito de amor romântico?* O objetivo geral é apresentar uma contraposição ao conceito de amor romântico a partir da teoria de Viktor Frankl, e os objetivos específicos: (1) delinear o conceito de amor romântico; (2) traçar o conceito de amor frankliano; e (3) apresentar um comparativo entre as duas concepções. Partimos da hipótese de que a antropologia de Frankl oferece uma visão que possibilita uma compreensão integral, abrangente e aprofundada do amor, por resgatar o verdadeiramente humano nesse fenômeno.

Para viabilizar a concretização deste estudo, ele foi organizado em três partes: primeiro, um panorama da historicidade e a caracterização do amor romântico; segundo, um delineamento dos pressupostos da Logoterapia e Análise Existencial em relação ao amor; e, por último, uma discussão sobre as divergências encontradas entre as duas concepções de amor. Antes de adentrar as reflexões propostas, é importante ressaltar que a realidade de um fenômeno é sempre mais complexa do que qualquer coisa que se possa dizer sobre ele. Nesse sentido, esta pesquisa não pretende esgotar as possibilidades de compreensão dos conceitos estudados, apenas se propõe a apresentar uma leitura a partir de um ponto de vista delimitado.

1 AMOR ROMÂNTICO: UMA CONSTRUÇÃO FUNDADA EM UM PERÍODO DA HISTÓRIA

O amor romântico é um conceito: uma invenção que, nas palavras de Sampaio (2020), “não diz respeito apenas à experiência sensorial ou emocional do amor, mas carrega em si uma construção social subjacente a essa experiência amorosa, compondo uma montagem de valores e ideais característicos” (p. 13). Ele exerce um papel histórico que “acabou por ocupar um modelo universal para a cultura ocidental e, estando tão presente no cotidiano, na cultura e no imaginário, passou a se tornar a norma para o significado de amor” (SAMPAIO, 2020, p. 13).

Este capítulo procura entender como essa construção social se deu ao longo da história da humanidade e quais foram suas principais características e influências. Para tanto, toma dois livros como referências — *Uma história natural do amor*, de Diane Ackerman (1997), e *O amor e o Ocidente*, de Denis de Rougemont (1988) —, suplementando os conhecimentos neles contidos com os de outros autores, sempre que oportuno. Sem perder de vista a compreensão do aspecto vasto que constitui o fenômeno romanesco, e a partir de um esforço de síntese, busca-se apresentar um delineamento do conceito de amor romântico.

1.1 Origem, Historicidade, Influências e Características do Amor Romântico

Ackerman (1997) organizou um compilado dos mais variados aspectos e características do amor. Componentes históricos, culturais, religiosos e biológicos são abordados por ela na tentativa de tornar tangível e perceptível um fenômeno que carece de ciência universal. Ao traçar um percurso histórico do amor, a autora mostra que, na Idade Média, principalmente na sociedade europeia, houve uma mudança na forma de pensá-lo:

O racionalismo caíra em desuso e o romantismo estava em voga. [...] Durante séculos a sociedade fora sufocadamente programática, estabelecendo leis morais como inúmeras camisas-de-forças. Os românticos desejam uma sociedade livre, aberta a experiências e à iniciativa pessoal. Investigaram o orientalismo, tornaram glamourosos os voos de emoção da Idade Média, sentiram que a sociedade estava evoluindo rumo a alguma utopia, estimularam as pessoas a seguir o coração e não a cabeça, adoraram a natureza mais selvagem como um estado de graça endêmica, encorajaram os artistas a serem confessionais em seus trabalhos e, o mais radical de tudo, admiraram a originalidade por si mesma. [...] O amor enquanto jogo de tabuleiro não fazia mais sentido. (ACKERMAN, 1997, p. 117–118)

Foi a partir daí que o amor romântico foi ganhando força e tangibilidade. Esse momento histórico possibilitou seu surgimento e influenciou fortemente sua formulação. Assim, no amor romântico há uma valorização da sensibilidade, da individualidade e da inovação que repercute em uma ideia de amor como força enorme que arrebatava e desfalece, penetrando a alma e derramando sentimentos amistosos e intensos — algo próximo às emoções puras.

Em consonância com Ackerman (1997), Rougemont alega que a natureza mítica do romance se funda em uma paixão idealizada que “vive da própria vida dos que acreditam que o amor é um destino (era o filtro do Romance); que ele fulmina o homem impotente e maravilhado para consumi-lo num fogo puro; e que ele é mais forte e verdadeiro que a felicidade, a sociedade e a moral. Vive da própria vida do romantismo em nós” (p. 21–22). O autor considera que os poetas ocidentais do século XVIII foram referências importantes na formulação desse conceito, sendo possível perceber a influência da literatura em sua compreensão, bem como na de seu caráter utópico.

Ackerman (1997), ao se apropriar de preceitos medievais para fundamentar suas considerações a respeito do amor romântico, demonstra as influências que este recebeu da literatura, evidenciando que é possível identificar nessa forma de amor traços do trovadorismo e da cavalaria, principalmente quanto à caracterização do papel do homem em relação à mulher. Como contribuições do trovadorismo, ela destaca que

Graças aos trovadores, as questões do coração tornaram-se o tema favorito de sagas poéticas, e assim, pela primeira vez, a história de amor penetrou a literatura europeia. Os limites do heroísmo ampliaram-se e a ideia do “casal” — duas pessoas apresentadas com um único verbo — começou a atormentar a sociedade. (ACKERMAN, 1997, p. 81)

No âmbito da cavalaria, a autora descreve que os cavaleiros eram definidos por sua bravura, boa reputação e certa devoção apaixonada para com as batalhas. O amor romântico se apropriou desses códigos medievais, associando-os ao aspecto nobre do amor, principalmente no que diz respeito ao ideal de par romântico. Tais aportes perduram até os dias atuais, alimentando o gosto pelo romance. Ainda hoje, pode-se observar em alguns círculos a perpetuação da ideia segundo a qual um homem romântico deve abrir a porta para uma mulher, retirar seu casaco e carregar suas sacolas — padrões de etiqueta dos cavaleiros medievais junto às damas. Vale frisar, no entanto, que

A meta dos cavaleiros era o romance com as esposas de outros homens, caracterizado por um entusiasmo e uma ternura que contrastavam nitidamente com a monotonia de um casamento sem amor. O perigo era a tónica. [...] Intimidade entre os amantes, ideia relativamente recente, de forma alguma

fazia parte do estilo medieval, mas foi nascendo pouco a pouco da necessidade de dissimulação por parte dos amantes. Mergulhar nos olhos do outro, falar por meio de gestos, trocar bilhetes e sinais, os amantes aprendiam a ser uma sociedade secreta completa, com senhas e cerimônias e uma cruzada santa, uma religião a dois. (ACKERMAN, 1997, p. 90)

Considerando a cavalaria como protótipo de um ideal de amor que segue sendo, senão praticado, desejado por boa parte da sociedade, e tendo em vista suas influências na construção do conceito de amor romântico, pode-se afirmar que códigos de conduta que nasceram como dissimulações amorosas ainda se propagam no imaginário coletivo e individual, fazendo-se presentes nas canções e nos poemas que levam à sua normatização e cultuação, determinando, por conseguinte, um perfil idealizado de parceria. Conforme Giddens (1993), do final do século XVIII, momento histórico em que o amor romântico estava se originando, até os dias atuais, as ideias românticas foram se difundindo na ordem social do Ocidente como modelo universal para o amor. Ser romântico passou a ser sinônimo de amar devotamente.

Giddens (1993) assinala que, na Europa pré-moderna, o casamento se baseava, via de regra, em questões econômicas, e não em paixões sexuais, e, por isso, casos extraconjugais eram muito comuns. No final do XVIII, quando surgiu o amor romântico, tornaram-se corriqueiras a idealização provisória do outro e a incorporação de elementos do amor-paixão. Para o autor, no romance, o amor é vinculado às ideias de liberdade, realização pessoal e destinação cósmica entre os parceiros, tendo um caráter de intimidade. Segundo ele, o amor romântico “presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece — até que a relação de amor seja iniciada” (p. 56).

Rougemont (1988) explora o mito de Tristão e Isolda² para apresentar suas considerações sobre a temática. Para ele, esse mito consiste em uma espécie de fotografia, uma referência fabulosa e um brilhante exemplo do romanesco. Ele o propõe como um modelo originário do amor romântico:

O êxito prodigioso do Romance de Tristão revela em nós, queiramos ou não, uma preferência íntima pela infelicidade. Não importa se essa infelicidade, segundo a força de nossa alma, é a “deliciosa tristeza” e o esplim da decadência, o sofrimento que transfigura ou o desafio que o espírito lança ao mundo: o que procuramos é aquilo que pode nos exaltar até o ponto de alcançarmos, sem querer, a “verdadeira vida” declamada pelos poetas. Mas esta “verdadeira vida” é a vida impossível. Esse céu de nuvens exaltadas,

² Tristão foi um cavaleiro medieval e Isolda uma princesa irlandesa, que protagonizaram uma lendária história de amor trágico.

crepúsculo púrpureo de heroísmo, não anuncia o Dia, mas a Noite!
(ROUGEMONT, 1988, p. 44)

Para o Rougemont (1988), a literatura ocidental, principalmente a poesia europeia, se debruçava mais na busca do conhecimento pela dor do que na felicidade proporcionada pelo amor, ou seja, as bases da literatura ocidental, assim como as do amor romântico, estão na não realização do amor, na infelicidade que possibilita certo conhecimento. A história de Tristão e Isolda deixa à mostra essa peculiaridade: “o amor-paixão simultaneamente partilhado e combatido, ansioso por uma felicidade que rejeita, glorificado por sua catástrofe — o amor recíproco infeliz”. (ROUGEMONT, 1988, p. 45–46). O autor considera que essa é uma característica do amor romântico herdada da literatura.

Ao traçar as características do amor romântico, Rougemont (1988) destaca a dialética do obstáculo: o cerne do romance é marcado pelas separações e reencontros contínuos dos amantes; existe um adiamento da paixão, pois o obstáculo presente nas circunstâncias externas ou de ordem da vontade é o objetivo da paixão. Essa preferência pelo obstáculo se relaciona à vontade de morte:

O amor do próprio amor dissimulava uma paixão bem mais terrível, uma vontade profundamente inconfessável — e que somente poderia se “trair” por símbolos como a espada desembainhada ou a perigosa castidade. Sem saber, sem querer, os amantes jamais desejaram outra coisa senão a morte! Sem saber, enganando-se apaixonadamente, não buscaram mais que a redenção e a vingança contra “o que sofriram” — a paixão iniciada pelo filtro. No fundo mais secreto de seus corações, era a vontade de morte, a paixão ativa da Noite que lhe ditava suas decisões fatais. (ROUGEMONT, 1988, p. 40–41)

Nota-se como traço importante do amor romântico um conflito entre a virtude e o desejo: as pessoas se sentiam atraídas, mas não podiam correr o risco de reconhecer essa atração, temendo que o carnal prevalecesse; havia uma abordagem de caráter utópico e idealista. No romance, o amor não tem como propósito dar certo; ele é combatido, em nome da manutenção da ordem. Tudo é caótico: “o sentido real da paixão é de tal modo assustador e inconfessável que os que a vivem não podem tomar consciência de seu objetivo, e os que pretendem descrevê-la em sua espantosa violência têm de recorrer à linguagem enganadora dos símbolos” (ROUGEMONT, 1988, p. 40). Dessa forma, “a devoção apaixonada era possível porque os amantes constituíam objetos de desejo abstratos, cujo amor era proibido, um tabu e uma novidade” (ACKERMAN, 1997, p. 81).

Ackerman (1997) e Rougemont (1988) concordam que as matrizes do amor romântico se encontram no amor cortês. No romance, há uma espécie de retorno ao cortês. O conflito virtude *versus* desejo, presente no romanesco, se originou do amor cortês. A virtude é

fundamental, porém “o amor cortês na realidade é uma forma de adorno. O que se adorna é a luxúria. Cada vez mais as gerações descobrem o amor cortês como uma maneira de purificar a atração sexual de seu aspecto carnal” (ACKERMAN, 1997, p. 121). Essa marca do amor cortês ganhou força no amor romântico.

Ackerman (1997) considera que a expressão amor cortês traz uma ambiguidade intencional: o galanteio mediante uma corte (ato de cortejar) acontecendo, na maioria dos casos, na própria corte (residência de um nobre). Para ela, o amor cortês retomado no romance se refere a “um jogo adúltero baseado no platonismo renascido” (p. 121). Esse jogo acontecia entre os cavaleiros feudais e as senhoras. Rougemont (1988) expõe que a tese mais recorrente é a de que “o amor cortês seria uma idealização do amor carnal” (p. 82). Nesse ponto, Giddens (1993, p. 56-57) acrescenta que:

O amor romântico fez do *amour passion* um aglomerado específico de crenças e de ideias equipado para a transcendência; o amor romântico pode terminar em tragédia e se nutrir na transgressão, mas também produz triunfo, uma conquista de preceitos e compromissos mundanos. Tal amor se projeta em dois sentidos: apoia-se no outro e idealiza o outro, e projeta um curso do desenvolvimento futuro. Embora a maioria dos autores tenham se concentrado no primeiro desses traços, o segundo é pelo menos tão importante e em certo sentido constitui a sua base. (GIDDENS, 1993, p. 56–57)

Giddens (1993) considera que a literatura deixou no amor romântico um aspecto sonhador e fantasioso que leva críticos racionalistas a interpretá-lo como patético e absurdo. Porém, para ele, “o romance é o modo de ver contrafactual do carente — do século XIX em diante participou de uma reelaboração importante das condições da vida pessoal” (GIDDENS, 1993, p. 57). Um ponto importante que Giddens (1993) faz questão de sublinhar na caracterização do conceito do amor romântico é seu teor subversivo, associado às imagens de casamento, maternidade e amor verdadeiro e eterno.

Assim, o amor romântico surgiu no século XVIII, tendo como precursor o amor cortês. Ele sofreu fortes influências da literatura e retomou características do trovadorismo e da cavalaria. Na contemporaneidade, ele prevalece como referência de amor. Tendo apresentado esse breve panorama da historicidade e essa caracterização do amor romântico, trataremos do conceito de amor formulado pela Logoterapia e Análise Existencial.

2 AMOR EM VIKTOR FRANKL: CONFIGURAÇÃO DE UM *EU* E ORIENTAÇÃO A UM OUTRO ÚNICO E IRREPETÍVEL

Viktor Emil Frankl, psiquiatra e neurologista vienense que viveu de 1905 até 1997, tendo sobrevivido ao Holocausto, é o criador da Logoterapia e Análise Existencial, uma linha teórica da psicologia que versa sobre as questões do sentido da vida. Em seu arcabouço teórico, estabeleceu um conceito de amor. Para compreendê-lo, primeiro é preciso se perguntar qual a visão de ser humano do autor, posto que esta consiste em um pressuposto que alicerça e sustenta toda a fundamentação da Logoterapia e Análise Existencial.

À vista disso, opta-se por iniciar este capítulo com uma substanciada exposição da visão de ser humano da teoria frankliana. Na sequência, e tendo em vista a complexidade e profundidade da temática, o conceito de amor é abordado, partindo de quatro pontos: autotranscendência, irrepitibilidade e unicidade da pessoa — as possíveis formas e atitudes no amor — e o dever-ser da pessoa. Assim, forma-se uma ideia do que é o amor frankliano, que será apresentado nas alíneas seguintes.

2.1 Visão de Pessoa: Responsabilidade e Decisão de Ser à luz de Sentido e Valores

A Logoterapia e Análise Existencial é um modelo de psicoterapia que se fundamenta “não apenas do ser mas também do sentido — isto é, não lida apenas com o *ontos*, mas também com o *logos* — e essa característica pode bem explicar a orientação terapêutica mais ativa da logoterapia” (FRANKL, 2020, p. 21). Essa escola de psicoterapia funda-se em uma reflexão fenomenológica que, segundo Marinho (2019), Frankl denominou de “autocompreensão ontológica pré-reflexiva da existência” (p. 12). Marinho (2019), citando Frankl, diz que:

“*Autocompreensão* significa que opinião tenho de mim mesmo como pessoa, o que acredito ser um homem. *Ontológica* quer dizer que se refere a existência humana. E *pré-reflexiva* significa que, antes de ter alguma ideia do que é a filosofia, a psicologia ou a psiquiatria, já sei de antemão o que é a vida...”. Portanto, refere-se à autocompreensão implícita da existência humana. (MARINHO, 2019, p. 13)

Na ontologia frankliana, a pessoa se constitui a partir de três dimensões: biológica, psicológica e noética. Na dimensão biológica, estão os fenômenos orgânicos, corpóreos. O que se refere aos elementos cognitivos, como raciocínio, memória e até emoções básicas concentra-se na dimensão psicológica. A dimensão noética refere-se no que tange especificamente à

liberdade da vontade. Na Logoterapia e Análise Existencial, o ser humano é uma totalidade múltipla, ou seja, apesar de ser dimensional, a pessoa é una e total.

Um dos diferenciais dessa linha teórica em relação a outras abordagens da psicologia é sua fundamentação em uma filosofia de vida ancorada em três pressupostos concatenados: liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida. Em relação à liberdade da vontade, Frankl (2020) considera que, apesar de o ser humano não estar livre de condicionamentos biopsicossociais, há um intervalo que mantém sua liberdade de se posicionar diante desses determinantes. Ou seja, o homem só não é determinado por condições limitantes por ser capaz de elevar-se e distanciar-se interna e externamente, refletindo sobre o mundo e até sobre si mesmo, adentrando uma dimensão nomeada, pela Logoterapia e Análise Existencial, como noética — dimensão especificamente humana. É a partir daí que o ser humano responde à vida de forma livre. Essa vontade livre do ser humano orienta-se ao sentido, “para algo que o transcende, seja um sentido a realizar, seja uma pessoa a encontrar” (FRANKL, 2019, p. 21). A Logoterapia e Análise Existencial, ao buscar responder à pergunta sobre o que move a pessoa, contrapõe-se à “vontade de prazer” defendida por Freud e à “vontade de poder” apresentada por Adler, propondo que é a vontade de sentido que orienta a existência humana. Para Frankl, a confrontação com o sentido leva a pessoa a um nível de desenvolvimento no qual liberdade se mescla com responsabilidade. Nesse nível, a realização do sentido da vida atrela-se à responsabilidade “perante algo, a sociedade, a humanidade ou a própria consciência” (FRANKL, 2020, p. 32). Assim, a pessoa vai decidindo sobre o quê, pelo quê ou por quem se sentirá responsável, abraçando o sentido.

Quanto ao último pressuposto, Frankl (2020) afirma que o sentido diz respeito a uma pessoa absolutamente singular em uma situação irrepetível. O sentido da vida pode ser percebido através da realização de valores: no que recebemos da vida e das pessoas (valores de vivências); no que damos para o mundo e para as pessoas (valores de criação); e no modo pelo qual nos posicionamos diante de situações inevitáveis (valores de atitude). Ademais, essa atitude se torna mais evidente perante a condição humana que desafia cada um de nós com a tríade trágica da existência: dor (sofrimento), morte (transitoriedade da vida) e culpa (falibilidade humana). No entanto, “a vida nunca cessa de ter e reter um sentido até o seu último momento” (FRANKL, 2020, p. 34). Desse modo, a Logoterapia e Análise Existencial é um sistema teórico centrado no sentido que exorta o ser humano em seus aspectos ontológicos de ser responsável, consciente e livre.

Partindo desse ponto, a visão de ser humano frankliana contesta todo entendimento da pessoa que tem por base primária a manutenção da homeostase e a satisfação das necessidades,

isto é, todo entendimento que mantém uma visão centrada no relacionamento de meios e fins. Para Frankl (2020),

De acordo com os conceitos logoterapêuticos, o ser humano não é primariamente interessado em nenhuma de suas condições psíquicas por si, mas é, de fato, orientado ao mundo, em direção ao mundo dos sentidos e valores potenciais que, por assim dizer, estão esperando para ser preenchidos e realizados por ele. Em logoterapia, falamos de uma “vontade de sentido”, que contrapomos ao princípio do prazer (que também poderíamos chamar de uma “vontade de prazer”), e, por outro lado, à assim chamada “vontade de poder”. (FRANKL, 2020, p. 60)

Na Logoterapia e Análise Existencial, a “vontade de prazer” é um efeito colateral da realização de uma tarefa e a “vontade de poder”, um meio para alcançar um fim. Portanto, quando um sentido ou um valor é efetivado, o prazer se estabelece automaticamente. Frankl (2020) acredita que uma existência centrada em meios para atingir fins será frustrada e necessariamente falhará, especificamente por ser ilusória a aposta em uma busca direta. Fazer do prazer e do poder um alvo, esforçando-se diretamente para alcançá-los, faz com que eles, na mesma medida, escapem aos esforços, por serem colocados como intenção, em vez de permanecerem na qualidade de efeito. Para a Logoterapia e Análise Existencial, esse modo de vida focado na satisfação das necessidades e na redução de tensões gera uma frustração da vontade de sentido da pessoa, por priorizar os meios. Quando as necessidades de satisfações e as reduções das tensões são travestidas com qualidades de meios para realizar a pessoa, elas se tornam objetos de uso, perdendo o valor em si mesmas e não atingindo o seu objetivo. Para o autor, tal como o sucesso, “a autorrealização é um efeito e não pode ser objeto de intenção” (FRANKL, 2020, p. 65).

A dinâmica que move prioritariamente a vida da pessoa na Logoterapia e Análise Existencial é a realização de uma existência legitimamente autêntica. A pessoa “procura não [...] a felicidade em si, mas uma razão para ser feliz” (FRANKL, 2019, p. 21). Há no ser humano uma intencionalidade direcionada para algo ou alguém, para fora de si mesmo, para uma outra pessoa. Sendo assim, o ser humano é um ser em relação que está categoricamente referido a algo ou a alguém que lhe transcende. Na proposta antropológica da Logoterapia e Análise Existencial, a transcendência de si mesmo constitui a essência da existência humana. A pessoa é um ser em busca de sentido, um “ser junto a” (FRANKL, 2019, p. 15).

Frankl (2020), ao fazer referência à forma de funcionamento do olho, considera que, “quanto mais o olho enxerga a si próprio, tanto menos o mundo e seus objetos serão visíveis a ele” (p. 70). A partir dessa analogia, concluímos que a visão de ser humano do autor vai além da autorrealização e da homeostase, direcionando-se para uma compreensão da pessoa como

um ser livre e responsável, que decide quem é ao concretizar no mundo sentido e valores. É partindo dessa visão antropológica do ser humano que o autor postula sua compreensão do que é o amor.

2.2 Amor: Graça e Abertura ao Mundo e ao Outro

De acordo com Frankl (2016), o ser humano não está fechado em si mesmo, e sim possui uma abertura para o mundo. A vontade de sentido direciona a pessoa para o mundo externo, para algo ou alguém além de si. Isso significa que o ser humano é orientado para transcender o *eu*. É nessa condição que o conceito de amor frankliano se assenta.

Para ilustrar essa abertura da pessoa para o mundo externo e suas implicações na compreensão do que é o amor na Logoterapia e Análise Existencial, Lukas (1992) utiliza uma história segundo a qual um juiz precisava decidir se uma criança deveria ficar com a mãe legítima ou com a mãe de criação: ele desenha um círculo no chão, ao redor da criança, e pede para que as mães, segurando-a pelo braço, a disputem; uma das mães, de imediato, puxa a criança pelo braço, enquanto a outra a solta, temendo que ela se ferisse nessa disputa. Na atitude da mãe que solta a criança para impedir que ela se machuque, podemos notar um sinal de amor genuíno, “um amor que consegue se elevar acima dos próprios interesses” (LUKAS, 1992, p. 137). Soltar a criança nesse contexto era o mesmo que desistir da disputa; significava perdê-la para sempre. O sacrifício da mulher em prol do bem-estar da criança evidencia a genuinidade de seu amor, trazendo à tona sua abertura para fora de si mesma, a transcendência do *eu*, assim como uma orientação para o sentido do momento. Isto posto, pode-se dizer que o amor verdadeiro é tecido na atitude autotranscendente, orientada à realização do sentido. Para Frankl (2018), “o amor é, de certa forma, o bem último e supremo que pode ser alcançado pela existência humana” (p. 55). É no amor que os valores de vivência se realizam e o caráter de irrepetibilidade da pessoa se destaca, já que, tomada pelo o amor, a pessoa visa ao que há de único e irrepetível no ser amado. Como enuncia em outra passagem de sua obra,

Nos parceiros de uma relação de amor autêntico encontra-se integralmente as pessoas, em relação dialógica, na qual o *tu* exerce papel predominante. Isto considerado, é lícito proclamar: amar significa poder dizer *tu* a alguém. E não significa apenas poder dizer *tu* a uma pessoa, mas ainda dizer sim a ela: portanto, não somente ocupar-se dela em sua essência, em sua singularidade e unicidade, a que acima aludimos, mas ainda reconhecê-la em seu valor intrínseco. Ver um ser humano, não apenas em seu ser-assim-e-não-de-outro-modo, mas acima de tudo ver o seu poder-ser e o seu dever-ser. (FRANKL, 1990, p. 78)

Partindo dessa premissa, no amor, a personalidade da pessoa amada ganha nova valiosidade, assim como o mundo circundante. Aquele que ama olha o mundo com certo encantamento; o amor abre uma maior ressonância à plenitude da realização de valores. Assim, o amor autêntico é um ato intencional que tem como objeto o ser-assim, a essência única da pessoa amada. Desse modo, o amor pode sobreviver ao tempo e até à morte, já que o que se perde é a presença física, a existência da pessoa, e não sua essência espiritual, o seu ser pessoa.

Como visto anteriormente, na Logoterapia e Análise existencial, o ser humano se constitui a partir de uma estrutura composta por três dimensões: biológica, psíquica e noética. Apesar dessa pluralidade ontológica, há uma unidade antropológica. Frankl (2016) considera que o ser humano é uma unidade múltipla, uma totalidade de corpo, alma e espírito. Para ele, essas três dimensões da pessoa correspondem às três possíveis formas de atitudes pelas quais o amor vai se efetivar. São elas: atitude sexual, ligada à corporeidade; atitude erótica, unida às qualidades anímicas; e atitude de amor propriamente dito, ligada à pessoa espiritual. Em seus termos,

Como pessoa espiritual ela é a portadora daquelas qualidades anímicas e físicas para as quais *intende* quem toma a atitude erótica (no sentido mais estrito do termo) ou a sexual; é, como pessoa espiritual, o que se acha por trás daquelas aparências sexuais e mesmo puramente psíquica em que penetram, respectivamente, a atitude sexual e a atitude do “namorado”; é o que, nas aparências físicas e anímicas, precisamente transparece. A aparência física e anímica são como que a “roupa”, respectivamente, exterior e interior, que a pessoa espiritual “traz” vestida. [...] Quem ama de verdade é como se visse através da “roupa” física e psíquica da pessoa espiritual, para pôr os olhos nela própria. (FRANKL, 2016, p. 224)

Conforme esses pressupostos, o amor genuíno leva a pessoa a contemplar a imagem de valor de outro ser humano em seu caráter único e singular e, ainda, em seu dever-ser. Ou seja, no amor, apreendemos tanto o que a pessoa é quanto o que a pessoa pode se tornar. O amor mira a pessoa espiritual, aquilo que ela tem de irrepetível, mas acerta também algo invisível e ainda não realizado. No ato do amor, outro ser humano é vivenciado em suas possibilidades realizadas e potenciais. Desse modo, o amor dá origem a certa expansão, ao levar a pessoa a realizar aquilo que foi visto nela antes que concretamente existisse.

Dado o exposto, mas considerando que na atualidade o ideário do amor romântico ainda determina a noção de amor que predomina na sociedade, como vimos anteriormente, este estudo se propõe agora a problematizar tal concepção, em um confronto com o amor proposto pela

Logoterapia e Análise Existencial. Na seção subsequente, apresentaremos o resultado dessa discussão.

3 O AMOR FRANKLIANO NO EMBATE COM O ROMANESCO

Partindo das leituras realizadas, é possível perceber que o espectro amoroso oscila entre ambas as formas aqui levantadas de se compreender o amor. De acordo com essas leituras, no amor romântico, amar é voltar-se ao sentimento que nutrimos por alguém, e esse sentimento é arrebatador, intenso, místico, judicioso; é “fogo puro” e destino. Por sua nobreza, o sentimento que se nutre por alguém justifica o desregramento, já que ele é mais forte e verdadeiro que a sociedade, a moral e a felicidade. No amor romântico, há um conflito entre virtude e desejo, pelo temor de que o carnal prevaleça. Este é idealizado, proibido, compõe um tabu.

O amor frankliano, por seu turno, postula uma tridimensionalidade e afirma que é somente na dimensão noética que o amor autêntico acontece. Nesse seguimento, amar é voltar-se para a pessoa amada, é ver nela muito além do físico e do psíquico, é encantar-se por aquilo que ela tem de único e irrepetível, é perceber suas potencialidades, o seu dever-ser. No amor frankliano, há uma abertura da pessoa para fora de si mesma, uma transcendência do *eu*. Amar é dizer sim a uma outra pessoa, é um encontro existencial, um ato intencional.

Portanto, ainda que haja pontos em comum entre as duas formas de compreensão do amor, na análise realizada, os pontos de discordância se revelam de modo mais categórico. Isto posto, apresentaremos um paralelo entre esses dois conceitos.

3.1 Amar é Autorrealização ou Autotranscedência?

Ao fazer um comparativo entre o conceito de amor frankliano e o conceito de amor romântico, percebe-se que o que caracteriza o romance é o fato de que os amantes “precisam um do outro para arder em paixão, mas não um do outro tal como cada um é” (ROUGEMONT, 1988, p. 36). Ou seja, o amor romântico tem por base um apego à paixão; o objeto de amor não é a pessoa amada, e sim a paixão idealizada. Segundo Rougemont (1988), no amor romântico, o que se ama é o ato de amar. Em contraposição, Frankl (1990) afirma que

Amar significa poder dizer tu a alguém. E não significa apenas poder dizer tu a uma pessoa, mas ainda dizer sim a ela: portanto, não somente ocupar-se dela em sua essência, em sua singularidade e unicidade, a que acima aludimos, mas ainda reconhecê-la em seu valor intrínseco. Ver um ser humano, não apenas

em seu ser-assim-e-não-de-outro-modo, mas, acima de tudo, ver o seu poder-ser e o seu dever-ser. (FRANKL, 1990, p. 78)

Conforme Frankl, o amor é direcionado para quem se é, ou seja, acontece mediante o encontro existencial de duas pessoas irrepetíveis e singulares. É exatamente o que a pessoa tem de único que cativa quem a ama. Ao amar alguém, o que a pessoa é e até mesmo o que ela pode se tornar são os diferenciais da Logoterapia e Análise Existencial. O amor se refere ao movimento de experienciar um outro ser humano, capturando-o em sua personalidade.

Nesse âmbito, como visto anteriormente, o amor romântico tem por princípio a dialética do obstáculo, resumida em sucessivos reencontros e separações. Como assinala Rougemont (1988), existe uma vontade de se separar que é mais intensa que a própria paixão. Por sua vez, Frankl (1990) considera que o amor é uma forma de dizer sim a uma pessoa; é preciso estar com a pessoa para desvendá-la, afinal, o amor, de acordo com sua perspectiva, se orienta à pessoa espiritual, sendo caracterizado pelo encontro, por uma relação de pessoa para pessoa. Para ele, “o amor é mais do que um estado de sentimentos é um ato intencional. Aquilo para que ele intende é o ser-assim de outro ser humano” (FRANKL, 2016, p. 228).

Na ideia de amor defendida por Frankl (2019), existe um aspecto antropológico na base da compreensão, o qual o autor denominou “autotranscendência da existência humana”:

Abranja o fato antropológico fundamental de que o ser-homem sempre indica um transcender na direção de um sentido, que o homem preenche, ou de um companheiro, que ele encontra. E somente na medida em que o homem assim se transcende, ele se realiza — a serviço de uma causa, por amor a alguém. Dito de outra forma: o homem só se torna completamente homem quando se dirige para uma causa ou para uma pessoa. (FRANKL, 2019, p. 77–78)

Percebe-se que, na teoria frankliana, existe desde o nascimento uma predisposição do ser humano ao relacionamento. É na medida que a pessoa vai se relacionando que sua humanidade vai se manifestando. O amor tem por base a autotranscendência e está a serviço da vontade de sentido. A pessoa possui uma abertura ao mundo que a orienta para fora de si mesma, rumo ao sentido de sua existência. Assim, no amor, há um distanciamento do *eu* na medida que a pessoa se volta para outro ser humano em busca de dar sentido à sua própria existência. Amar é transcender o *eu* aproximando-se do ser amado para concebê-lo em sua originalidade. Nesse encontro, a própria existência ganha sentido na vivência do amor.

Ressalta-se que o objeto de amor do romance, em contraposição ao objeto de amor da Logoterapia e Análise Existencial, é um ponto crucial de discordância entre essas duas concepções de amor. Tendo em vista que no romance o núcleo está nas sensações consequentes

do estado afetivo da pessoa que ama, enquanto na Logoterapia e Análise Existencial o foco está na transcendência ao outro. Considera-se que o amor proposto por Frankl dá um passo além ao indicar que, “na medida em que o ser humano se esquece de si mesmo, para se libertar do interesse e da atenção egocêntricos, é que ele alcança um modo autêntico de existência” (FRANKL, 2020, p. 65).

No que diz respeito à autorrealização no amor, há aí mais um caso marcante de divergência. Giddens (1993) alega que, no amor romântico, o ser amado é entendido como alguém que irá preencher um vazio, ocupar uma falta. Por esse aspecto, o amor comporia um meio de se atingir uma finalidade. Para ele, a autorrealização é o que motiva as pessoas a buscarem o amor. Frankl (2020) considera que uma vida centrada em meios para atingir fins leva a conflitos de valores e à frustração da vontade de sentido, podendo gerar um vazio existencial que pode resultar em adoecimento neurótico. Na Logoterapia e Análise Existencial, a pessoa é um ser em busca de sentido. Essa busca por um sentido concreto e objetivo de sua existência se efetiva a partir da realização de valores, sendo a motivação primária da pessoa. Uma existência orientada para a realização de sentido gera, como efeito colateral, a autorrealização. Portanto, nessa linha teórica, a autorrealização é entendida como um efeito, e não como objeto do ato intencional.

Haja vista que no romance o amor é um meio para atingir um fim, na Logoterapia e Análise Existencial o amor é verdadeiro na medida em que ele é o oposto da mera autorrealização. Dito de outra maneira, na medida em que ele envolve autotranscedência, certo distanciamento do *eu* em virtude de uma outra pessoa e até mesmo de uma causa, a autorrealização acontece como um efeito. Ao encontrar sentido na vivência de outro ser humano, a pessoa se sente realizada. Frankl (2020) lembra que o esforço direto como um ato intencional dificulta e até inviabiliza que certos objetivos sejam atingidos, pois, quando o esforço se torna uma questão intencional, pode nos escapar. Como explica,

O homem contemporâneo tem sido mais e mais seduzido a crer na ilusão de que ele pode, por meio de uma busca direta, alcançar a felicidade ou a paz de espírito. Ele não pode sequer lutar pela “paz da alma”, pois este tipo de paz, que aparentemente significa o restabelecimento de uma boa consciência, também escapa a seus esforços assim que se torna uma questão de intenção, em vez de permanecer na qualidade de efeito. (FRANKL, 2020, p. 60)

Fazer do amor um meio para livrar-se de um vazio ou encobrir uma falta, como o amor romântico sugere, pelo prisma da Logoterapia e Análise Existencial pode levar a relação a dois a um caráter de uso e a certo esvaziamento que pode intensificar a sensação de vazio já

existente. No amor frankliano, o verdadeiramente humano se manifesta através de um ato coexistencial que evidencia a unicidade e a irrepetibilidade da pessoa.

Por fim, vale destacar o conflito virtude *versus* desejo, existente no amor romântico. Apesar da virtude ser algo fundamental, no romanesco, ela é o desejo que sustenta a ideia de amor. Desse modo, arranjos precisam acontecer para que o amor floresça, como a idealização e a abstração. Segundo Ackerman (1997), no amor romântico, o descontrole é justificado por seu caráter judicioso e irremediável. Partindo dos pressupostos de Frankl (2016), compreende-se que o amor pode se expressar através de três atitudes: sexual, erótica e a de amor propriamente dito. No amor romântico há um predomínio do psicofísico, enquanto no amor proposto pela Logoterapia e Análise Existencial o que está em evidência é o amor propriamente dito, ou seja, o amor em relação à dimensão noética da pessoa. Considera-se que o amor pode se manifestar de várias formas e ter tonalidades diferentes no que tange ao físico e ao psicofísico. Todavia, é na dimensão noética que o amor se mostra em sua potência e autenticidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o contexto sócio-histórico da Idade Média em que o amor romântico floresceu, podemos perceber um avanço importante na compreensão desse fenômeno. Porém, ao notar que o amor romântico permanece vivo na atualidade, e em um patamar normativo que segue sustentando um entendimento muito popular e bem quisto na sociedade contemporânea, questionamos as condições desse conceito para abarcar os desafios dos tempos atuais no âmbito dos relacionamentos. Afinal, na sociedade atual, com a objetivação das relações e o feminicídio como um de seus muitos epifenômenos, vive-se desafios importantes, carecendo a adoção de uma visão de amor que possa resgatar as relações, vendo o ser humano tridimensional, e fortalecendo os vínculos na vivência afetiva livre, responsável e consciente. Assim, a ideia de amor proposta por Viktor Frankl parece mostrar-se mais alinhada e adequada a responder a esses desafios, uma vez que contribui e dialoga mais diretamente com a ordem social vigente, ao colocar à mostra o propriamente humano.

A pesquisa sugere que, no romanesco, o que predomina é a dimensão psicofísica da pessoa, enquanto, no amor de Frankl, há um avanço para uma dimensão mais profunda e especificamente humana: a dimensão noética da pessoa. Sendo assim, este estudo, ao se perguntar *o que distingue o conceito de amor da teoria de Viktor Frankl do conceito de amor*

romântico, mostrou que, alicerçada por uma antropologia, a Logoterapia e Análise Existencial apresenta um conceito de amor que resgata o verdadeiramente humano no fenômeno estudado.

Destaca-se que estudar de modo mais aprofundado o fenômeno do amor proporcionou um ganho importante e valioso de conhecimento sobre o tema. A pesquisa possibilitou uma compreensão de aspectos do amor romântico que perduram no tempo e impactam a noção de amor atual, bem como um saber mais aprofundado desses desdobramentos. Quanto ao amor frankliano, estudá-lo mostrou que a Logoterapia e Análise Existencial tem um aporte de grande relevância aos desafios da contemporaneidade. Ela fornece respostas significativas e abrangentes, entrelaçando-se mais intimamente com o tecido da sociedade contemporânea. No entanto, consideramos que todas as formas e faces do amor são válidas, desde que haja uma tridimensionalidade manifesta a cada momento. Desta foram, considera-se respondida a pergunta inicial, confirmada a hipótese da qual se partiu e alcançados os objetivos propostos.

Apesar disto, a abrangência da análise foi um ponto limitante do trabalho. Se o estudo se tratasse de uma pesquisa empírica, permitiria um alcance maior das discussões propostas. Uma pesquisa com uma mostra significativa da população, promovendo uma discussão do conceito de amor de Frankl no embate com os desafios da ordem social, poderia enriquecer e ampliar o conhecimento sobre o tema. Ademais, agregar outras visões de amor para além do romântico e para além de Frankl com outros pesquisadores, como, Freud, Francesco Alberoni, Erich Fromm, ampliaria ainda mais o diálogo. Apesar de não ser o escopo do momento, deixamos esses desafios para nossas futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN, D. **Uma história natural do amor**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 44ª ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia**. São Paulo: É Realizações, 2019.

_____. **Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia**. São Paulo: É Realizações, 2020.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial**. 6ª ed. São Paulo: Quadrante, 2016.

_____. **Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se a neurose coletiva**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

LUKAS, E. **Assistência psicológica**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1992.

MARINHO, H. R. O ser humano em busca de sentido: a proposta antropológica frankliana. *In*: FRANKL, V. **O sofrimento humano**: fundamentos antropológicos da psicoterapia. São Paulo: É Realizações, 2019.

ROUGEMONT, D. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Geração Editorial, 1943/2020.

SAMPAIO, L. B. **Eco e Narciso**: ressonâncias do amor romântico na contemporaneidade. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) — Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.47.2020.tde-02092020-175829>

